Ano XX — Lisboa, Janeiro de 1964 — N.º 225

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Agraciado com o «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

Composição e Impressão: TIPOGRAFIA VIEIRA / Praça Afonso de Albuquerque, 2-A / Telefone 63 78 66 / LISBOA 3 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA

Problemas de Cultura

Pelo Rev. Eduardo Moreira

Em discurso televisado, S. Ex.ª o Ministro da Educação acaba de dar ao País a alviçareira notícia dum plano que se inicia, na esperança de com ele se revolucionar de certo modo o ambiente em que vivemos.

Talvez agora se passe, nessa matéria primacial, *da sacristia para o templo*: como quem diz, da penumbra bafienta dos gavetões para as naves varridas de luz e de ar. Será assim?

Vamos ter, para esse fim, o emprego do mais eficaz instrumento actual, por levar a todos os recantos da nossa terra a visão e a audição da Ideia, do Juízo, do Diálogo, do Ensaio, do Drama, do Poema, do Canto, do Gesto, da Técnica, aquilo que, enfim, melhor nos diversifica como personalidades distintas, e mais nos iguala em acção fraterna.

O tele-ensino, por métodos audio-visuais em função educativa, tem um objectivo de valor nacional incalculável; e o «Ministério da Educação», há anos denominado «da Instrução», notemo-lo, prevê judiciosamente um meio admirável de cultura.

Acabamos de empregar aqui três expressões dignas de definição esclarecedora, que muito confundidas andam na linguagem comum: instrução, educação, cultura. Parece-nos que quando os nossos contemporâneos nos confundem com a sua semântica múltipla, vale a pena procurar, pela análise dos «étimos» usados, ouvir os avós de quem herdámos o pensamento, por meio das palavras que contêm os tais étimos. É como quem suspeita que errou o caminho e volta ao ponto de partida para se orientar.

Vejamos então o que nos dizem esses elementos formativos das nossas palavras: instrução, na sua origem, é alguma coisa que se insufla, se intruduz, se armazena ou colecciona. Vítor Hugo disse um dia que «instruir é construir». Eu diria, um pouco diferentemente (os seus manes me perdoem) que para se construir é necessário começar por instruir. Entretanto, educar é algo que se desenvolve e cresce, desde a dádiva inicial, isto é, a transmissão duma ideia ou juízo. Como quem semeia, rega e espera que germine, floresça e fortifique. A instrução, no mais alto nível, fará eruditos, cisternas cheias, mas a educação no seu mais eficiente escopo, se não produz sempre sábios, nascentes do saber, ao menos fará *sages* (termo que é bom português e desejável objectivo). Bem andaram os nossos governantes ao dar ao Ministério esse novo título. De bom aviso é que os programas em projecto sejam fundamentalmente educativos, visando portanto o «homem integral». Decerto se não cuidará sòmente de material instrutivo, mas daquele conjunto de conhecimentos e incentivos que caracterizam a cultura.

Ora se naquilo que se constrói é necessário ter *medida*, e a instrução por seu turno requere *equilíbrio*, o mesmo se dirá, sem que tenha menos força requisitória, da educação. S. Paulo dizia dos cristãos, que eram «arquitectura e agricultura de Deus». Sendo nós todos produto duma civilização onde as tradições cristãs-mosaicas, em simbiose, ou associação orgânica com outras, helénicas e arábicas, se enraizaram, bem nos ficará buscar a realização duma cultura onde se relevem os cânones do «Grande Tecto» ou arquitecto moral que foi Jesus Cristo, e a experiência desse divino promotor do enxerto maravilhoso do Evangelho: edifício e cultura.

Segue na página 2

A todos os Amigos de «Sempre Pronto» desejamos um Ano Novo muito feliz.

FALAM OS MAIS NOVOS!

"NÃO OS TORNEM CULPADOS"

Segundo o artigo que saíu no mês de Novembro, da autoria do meu colega Joel Ribeiro, baseado sobre o título acima assinalado, permitam-me mais algumas palavras relacionadas com o assunto.

Dizia ele que a venda de brinquedos de guerra é uma coisa que se está vendo dia a dia com mais evolução.

Ao ler, outro dia, num jornal diário a notícia de que um rapaz tinha morto outro com uma pistola a sério, pertencente ao pai e julgando que era uma arma de brincar, logo pensei que este caso vem ajudar mais a teoria, de que a venda de brinquedos de guerra é prejudicial para a educação do jovem.

O rapaz é que utilizou a arma contra o outro, matando-o, mas, se virmos bem as coisas, podemos tirar a conclusão de que não foi ele quem matou, mas sim os vendedores e os que fazem propaganda de armas, ainda que sejam de brinquedo.

Hoje nos cinemas já não se encontra um bom filme extraído de um bom escritor como Júlio Verne, Júlio Dinis ou Camilo Castelo Branco, mas sim uns filmes de «cow-boys» que só ensinam os jovens a criarem ódio uns aos outros e a matarem-se mùtuamente, como aconteceu com aqueles dois rapazes.

Vamos, senhores encarregados de educação. Se de facto quereis

Segue na pág. 2

PROBLEMAS DE CULTURA

Seguimento da página 1

Há dois assuntos que andam muito arredados do nosso povo e que, para fàcilmente se fixarem, descreveremos sintèticamente como «boa expressão» e «boas maneiras». Usaremos aqui esta última em vez da civilidade ou urbanidade, porque muitos supõem erradamente que e *civis* ou *urbs* só se refere aos grandes centros populacionais, e antepõem cidade à província, quando afinal cidade, no seu étimo, era o entendimento colectivo, de muitos ou de poucos. Na província não há menos sentido urbano, isto é, de respeito mútuo, que nos centros de maior aglomeração. Talvez até se possa dizer hoje, aplicando um velho provérbio, que «muita gente junta se não salva», isto é, não se salva de atitudes egoístas, contagiantes e impertinentes, atraiçoadoras das boas maneiras, que foram apanágio de certas épocas (não de todas) na antiguidade. Certamente não são de desejar ademanes de minuete e de pavana, exigindo punhos de renda, espadim dourado e voz de falsete ou pitadas de rapé em caixinhas de ouro e marfim. Mas equilíbrio de propósito e atitude; sentido social; largueza de afectos humanos. Poderia ilustrar aqui com exemplos bons e maus, de todos bem conhecidos, como o de usar cadeiras no café só com a licença de quem está próximo, costume excelente contrariado pela «caça ao lugar» nos veículos colectivos; o uso de expectorar viciosamente e ruidosamente, por toda a parte, o que nos valeu já um anexim desagradável, além fronteiras; as intromissões grosseiras (e covardes) com as senhoras quando vão sós, etc.. E bem grande *et cœtera*!

Das boas maneiras faz parte o respeito pelas opiniões e crenças alheias. Tem Portugal boas tradições de tolerância, em que se antecipou a outros povos e nações. Criou-se no século V uma Ordem para galardoar serviços em África, tendo em vista pessoas não cristãs a quem se devia gratidão. A «Ordem da Espada» chamada depois da «Torre e Espada», era a única não subordinada a instituições religiosas. Considere-se também que até ao reinado de D. Afonso V o rabino-mor dos lusos-hebreus era uma espécie de vice-rei cujo selo valia como tal nas Judiarias do Reino. Havia segregação, é certo, mas benigna, pois ao contrário do que sucede hoje em democracias que se jactam das suas leis, a minoria cultual fornecia entre nós os lugares mais relevantes e rendosos de mordomo-mor, físico-mor, e outros. E que me dizeis desse glorioso padrão da arte portuguesa, o políptico de S. Vicente, ostentando ali nas Janelas Verdes um rabino abrindo o Livro da Lei, com seus caracteres hebraicos, junto do clérigo romano que mostra qualquer osso, relíquia do seu culto?

D. Simoa foi uma dama preta de S. Tomé que nos tempos áureos, legou à Igreja o Convento de Laveiras e foi lìdimamente estimada pela sua benemerência.

Tivemos a Inquisição... de muito más maneiras, escola de grossaria e sucursal do Inferno; mas era instituição estrangeira que subornou pelo medo e se engrandeceu pelo confisco dos bens alheios. Deixou rasto, mas morreu de vez. E em 23 de Outubro de 1863 houve um auto de fé que «A Liberdade» de Coimbra festejou assim: «queimou-se hoje a forca! Já não existe este horrendo instrumento de morte, essa vergonha da sociedade, esse insulto espantoso aos princípios da verdadeira caridade cristã!»

Fomos os primeiros a acabar com a pena de morte. E no reinado de D. Luís criou-se em Lisboa o «Albergue Nocturno» cujo regulamento proíbe fazer destrinça dos desgraçados sem lar que aí se acolham, por motivo de opinião ou crença.

Lemos há pouco, num artigo do Dr. Pedro Mayer Garção, que «o homem culto não é aquele que devora livros, sobre todos os assuntos mas é capaz de agredir um ente inofensivo, vexar um subalterno, maltratar uma criança, ofender uma mulher, alvejar uma ave, escandalizar uma crença».

Que bem expresso!

Mas julgo que devo ficar por aqui, deixando as boas expressões, ou a arte de bem exprimir, para uma outra oportunidade, em que complete o meu pensamento.

EDUARDO MOREIRA

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

MUDANÇA DE TIPOGRAFIA

Em face de dificuldades na execução do jornal dentro dos prazos convenientes por aglomeração de trabalhos, fomos forçados a estudar a possibilidade de mudança de tipografia para a composição e impressão de Sempre Pronto, *que a partir deste número deixam de ser feitas na Ottosgráfica, Lda..*

É justo, porém, que se refira o facto de Sempre Pronto *vir a ser executado naquelas oficinas há 19 anos, onde sempre encontrámos a maior colaboração da parte do seu gerente, o Sr. Alberto Constantino, mestre de artes gráficas de muita competência. Queremos, portanto, expressar aqui o nosso agradecimento pela colaboração dispensada, agradecimento extensivo ao pessoal das oficinas, onde também sempre encontrámos a melhor boa vontade e desejo de ajudar.*

Passa Sempre Pronto *a ser feito na Tipografia Vieira, dirigida pelo jornalista sr. Custódio Baptista Vieira, onde, estamos certos, vamos encontrar o mesmo espírito de colaboração, tanto mais que se trata de uma Empresa que edita ela própria o conhecido semanário bairrista «Ecos de Belém», que acaba de comemorar o 32.º aniversário da sua fundação, motivo por que aproveitamos este ensejo para lhe endereçar as nossas felicitações e votos de muitos êxitos para o seu brioso jornal.*

INSÍGNIA DE MADEIRA

Curso de Explanação Geral

Na Sede Central dos Escoteiros de Portugal, no Cais do Sodré, realiza-se no dia 29 do corrente, às 21 horas e 40 minutos, a primeira reunião do Curso de Explanação Geral, dentro do esquema da insígnia de madeira, sob a direcção do sr. Enª. Nobre Santos, Director da Escola Central de Chefes.

Para esta reunião, que se espera seja muito concorrida, são convidados todos os caminheiros e dirigentes e, de uma maneira geral, todos aqueles que se interessem pelo escotismo e queiram completar os seus conhecimentos sobre o assunto.

Dos amigos de «Sempre Pronto»

DE LUTO — Pelo falecimento, em 14 do corrente, de sua irmã, sr.ª D. Maria Celeste Gallis da Ponte, encontra-se de luto o nosso estimado assinante sr. Alfredo Jorge Gallis, antigo escoteiro do Grupo 1, a quem sentidamente endereçamos as nossas condolências.

«Não os tornem culpados»

Seguimento da página 1

ver os vossos educandos bem educados e bem instruídos no caminho do bem, suspendei as ofertas de armas e brinquedos de guerra aos vossos jovens.

Mesmo de brinquedo elas matam.

Recebei os abraços e saudades deste vosso amigo, LOBO NEGRO

UMA HOMENAGEM
A FREDERICO PEREIRA JARDIM

Nome conhecido e prestigioso do Voluntariado Português e elemento destacado da Associação dos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, na qual se alistou como bombeiro há 50 anos, o «Pai Jardim», como lhe chamam os seus companheiros, tem, ao longo destas cinco décadas, servido com entranhado amor o seu semelhante e a sua Associação, quer como bombeiro, até ter atingido o elevado posto de Comandante Honorário, quer como Director, cuja larga experiência e prudente conselho é sempre escutado e seguido por todos os que têm o privilégio de com ele servir.

Comemorando o seu alistamento, ofereceu, o Comandante Jardim aos seus colegas dos Corpos Gerentes e do Corpo Activo, um jantar que se realizou no dia 16 de Dezembro passado na sede da Associação.

Antes, efectuou-se no Parque de Viaturas do Quartel da gloriosa Associação e na presença de numerosas individualidades, entre as quais se encontravam os srs. Coronel Ribeiro Viana, Inspector de Incêndios da Zona Sul; e Moura e Silva, presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, uma singela mas expressiva homenagem promovida pelos Corpos Gerentes e Corpo Activo, durante a qual se procedeu à entrega ao Comandante Jardim duma reprodução em tamanho natural, fundida em prata, da chave do Quartel, e duma artística salva também de prata.

Ao repasto assistiram numerosos convidados, vendo-se na presidência, além do homenageado, seu filho Eng.º Jorge Pereira Jardim, Dr. Manuel de Carvalho e Falcão Guia, respectivamente presidentes da Assembleia Geral, da Direcção e do Conselho Fiscal da Associação, as entidades já acima citadas, Padre Luís Aparício, prior da freguesia do Sagrado Coração de Jesus; Dr. Formosinho Sanches, da Cruz Vermelha Portuguesa; Tenente França de Sousa e Dr. Sacadura Fonseca, respectivamente comandante e médico-chefe dos Lisbonenses, comandantes das corporações de voluntários da capital, chefes do Batalhão de Sapadores Bombeiros e os veteranos que fizeram parte da Escola de que saiu há 50 anos o Comandante Jardim.

Aos brindes usaram da palavra muitas das entidades já citadas, e ainda os srs. Comandante Dias Ferreira, Fernando Fernandes, Dr. Acácio Gouveia e outros. O Presidente da Liga dos Bombeiros colocou no peito do Comandante Jardim a Medalha de Ouro daquela instituição, tendo todos os oradores prestado sentidas homenagens às raras qualidades do galardoado.

Encerrou os discursos o Eng. Jorge Jardim, que declarou falar como presidente da Assembleia Geral e filho do homenageado, em cujo nome agradeceu as manifestações de simpatia e disse: «Chamam-lhe os camaradas o «Pai Jardim». Eu e meu irmão Alfredo, que vivemos no Ultramar, mas hoje temos a rara felicidade de aqui nos encontrarmos e o incontestável direito de lhe chamar pai, com que profundo orgulho e íntima satisfação o fazemos, podem V. Ex.as, que acabam de lhe exaltar as virtudes, compreendê-lo.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Já fez a sua inscrição como Assinante Patrocinador?

O amigo de «Sempre Pronto» que faz a sua inscrição como Assinante Patrocinador substitui a assinatura ordinária de 20$00 por uma quota anual de 30$00. Por 2$50 mensais recebe o nosso jornal e expressa a sua simpatia e interesse pela sua publicação.

Do Entroncamento

Grupo N.º 84

O Grupo do Entroncamento, apesar de ter atravessado um longo período de pouca actividade, tem conseguido sobreviver graças à dedicação dos seus mais antigos elementos que procuram manter viva a chama escoteira e animar os novos que ingressam nas suas fileiras.

Assim, ainda recentemente se fez representar no aniversário do Grupo n.º 93, de Sintra, e sempre que em Lisboa se realiza qualquer actividade de maior destaque, o «84» procura estar presente.

Por ocasião do Dia da Restauração, o Grupo reuniu-se na sua sede, tendo o Chefe lembrado aos escoteiros o dever do Escoteiro para com a Pátria.

Foi servido um lanche e os escoteiros confraternizaram entre manifestações de alegria e troca de saudações. — C.

◆

Ao iniciar o ano de 1964, Sempre Pronto *formula sinceros votos de que este ano marque o ressurgimento do Grupo 84, de tão interessantes tradições, e a que este jornal se sente ligado por muitos anos de amizade e boa colaboração. Todos os Escoteiros de Portugal veriam com muita satisfação o Movimento voltar a ocupar no Entroncamento o lugar de relevo que ali teve em anos passados. Para isso não faltam ali Escoteiros capazes de se dedicarem ao seu velho Grupo.*

CUMPRIMENTOS DE BOAS-FESTAS

Tiveram a gentileza de endereçar o seu cartão de cumprimentos e expressar o desejo de boas festas e felicidades para o Ano Novo os seguintes e dedicados Amigos, a quem reconhecidamente agradecemos e igualmente afirmamos a nossa simpatia e desejos de que contem igualmente muitas venturas durante o ano que agora iniciamos:

Srs. António F. Xavier de Brito, Armando Morais, Ernesto de Sousa, Ernesto B. Rola, Gustavo Pereira da Costa, Hélder Pinto Martins, Eng. José M. Nobre Santos, Júlio S. Trindade; Luis Simões Aurélio, Luís Alves Miguel, Vítor Manuel de Almeida Braz, todos de Lisboa. Justino Estêvão da Silva, de Queluz; António Viegas Custódio, de Carcavelos; Manuel Ferreira Valério, do Entroncamento; António Barbosa, do Porto; António Pacheco da Silva, de S. Mamede de Infesta; Leopoldino da Rocha Tavares, Carlos Alberto Vieira de Melo, Jacinto dos Reis Moniz Silva, de Angra do Heroísmo; José Rana, de Bissau, Guiné; José D. Camacho, de Moçâmedes; António Rodrigues, da cidade da Beira, Edmundo de Matos, Ana Soares Leitão e José Reinaldo, de Lourenço Marques; H. T. Gomes de Freitas, do Funchal.

Também as seguintes entidades nos enviaram cumprimentos: Comissão Executiva do Círculo de Antigos Nadadores, Representante Oficial em Portugal dos Serviços Oficiais do Turismo Francês, Região Escoteira de Valência, Espanha; Secretariado da Propaganda do Corpo Nacional de Escutas (Escutismo Católico Português), Escutismo Português, representado pelos Srs. Comissário Internacional, Victor de Lima e Santos, e Comissário Internacional adjunto, Manuel Lopes Peixoto.

Clã n.º 25, Bento de Góis, do Corpo Nacional de Escutas, de Angra do Heroísmo; Grupos dos Escoteiros de Portugal n.os 77, de Faro; 1, 5, 7, 8, 79 e 94, Tripulação Afonso de Albuquerque do Grupo 85, de Lisboa. Grupos n.os 14, de Algés; 12, de Oeiras; 4, do Porto; 93, de Sintra; 60, de Vila Real de Santo António; 44, de Vila Nova de Gaia.

◆

Tiveram ainda a amabilidade de nos visitar e pessoalmente nos apresentar cumprimentos pela passagem das festas e pelo aniversário do Sempre Pronto, *aos nossos bons amigos srs. António Viegas Custódio, João Patrício de Melo e Luís Simões Aurélio, atenção que muito nos sensibilizou e agradecemos, tendo tido muito prazer em os abraçar.*

Tertúlia do Chefe

«Os rapazes gostam de pertencer a um grupo chefiado por um bom chefe» — *afirma Bisão Silencioso*

Estas linhas constituem um apelo de um Caminheiro, já com muitos anos de vida na Selva, que foi recentemente chamado a servir como Aquelá de uma Alcateia de Lisboa É um apelo sentido, sincero, e por isso nada alterámos da sua expressão pessoal.

O rapaz gosta de pertencer a um grupo chefiado por um bom chefe. Não é isto verdade?

Não há dúvida, gostam de um chefe que os ajude nas suas dificuldades de rapaz, que os entusiasme e oriente todas as suas energias para o bem. O rapaz conta com a sua experiência, portanto ele será um amigo íntimo, um *irmão mais velho*, que está sempre pronto a ampará-lo nos momentos de fraqueza, naqueles transes próprios de mudanças psicológicas e vibrações do ser humano. Serás tu, meu irmão chefe-escoteiro, esse amigo? Não se pode servir dois senhores ao mesmo tempo, porque a um se dedicará e ao outro desprezará. Já é tempo de te interessares pelos teus rapazes. Será esse o meio de poderes ser mais feliz, cumprindo o teu Compromisso de Honra: ***Manter e dignificar o Escotismo, cumprindo e fazendo cumprir os seus regulamentos.*** Agarra-te pois com entusiasmo ao teu trabalho de educador, ouvindo todas as críticas com um sorriso e tendo muita confiança no futuro dos teus rapazes, pois serão eles a tua alegria na velhice, pela satisfação do dever cumprido.

Sê um bom Chefe com o auxílio de Deus e vereis que os rapazes gostam de pertencer a um grupo chefiado por um bom chefe!

TEU AMIGO
BISÃO SILENCIOSO

UM CHEFE ESCOTEIRO DEU A VIDA

para salvar dois escoteiros

A notícia foi publicada em toda a imprensa, mas em versões diferentes. Em Benguela, Angola, realizou-se um acampamento de um Grupo do Corpo Nacional de Escutas, junto da albufeira do rio Cutato, a três km. de Nova Lisboa. O escuta Manuel Ramos Arrulo, de 17 anos, resolveu banhar-se. Segundo a Agência «ANI» foi acometido de congestão, segundo a «Lusitânia» afastou-se a nadar e faltaram-lhe as forças. Para lhe acudir lançou-se à água o escuta Fernando Santos Marinheiro. Parece que a breve trecho se encontravam os dois em perigo. Foi então que o Chefe do Acampamento, vendo o perigo, se lançou à água e nadou vigorosamente em socorro dos rapazes. Conseguiu salvar o Fernando, mas o Manuel tinha desaparecido. Mergulhou e supõe-se que tenha ficado preso no fundo lodoso, juntamente com o escuta em perigo, na versão da «ANI». A «Lusitânia» diz que o escuta em perigo se agarrou de tal forma ao seu salvador que se afogaram ambos.



De qualquer das formas, verifica-se que o Escoteiro-Chefe deu a sua vida corajosamente para salvar um seu Escoteiro.

Este Chefe era Alfredo Garcia, conhecido por «Piri-Piri», um Escuta muito conhecido não só em Angola mas no Continente, tendo vindo aqui por ocasião do Acampamento Internacional do Centenário do Infante. Era natural de Angola e enfermeiro de profissão. Por ocasião do Acampamento Regional do Infante D. Henrique, esteve ali de visita aos seus irmãos dos Escoteiros de Portugal. Vemo-lo na fotografia tirada nessa ocasião, que junto publicamos. É o escoteiro que se vê ao centro, com barba.

◆

Sempre Pronto *lamenta o trágico desastre de Nova Lisboa e apresenta sentidos pêsames aos seus irmãos escutas de Benguela.*

OS BRINQUEDOS DE GUERRA

Quando no número de Novembro último nos referimos aos brinquedos de guerra, não esperávamos que, tão depressa e de uma forma tão dolorosa, um facto viesse confirmar a acuidade do problema.

Foi o caso de, em meados do mês passado, alguns dias antes do Natal, um rapazinho de 13 anos, que se apossara de uma pistola que encontrara em casa, ter desfechado o mortífero instrumento, imprevidentemente, sobre um companheiro, dois anos mais novo, causando-lhe a morte.

O descuido e a negligência foram as causas próximas desta tragédia. Porém, o acontecimento tem a verdadeira origem em mais recuados fundamentos, como seja a familiarização das crianças com o uso de objectos inspiradores de sentimentos de guerra e de crime.

O caso a que acabamos de aludir é deveras impressionante, pela crueza das consequências e pela qualidade dos intervenientes. No entanto, não é daqueles que com mais eloquência nos permitem avaliar os nefastos resultados que podem advir do uso em brincadeiras dessa bonecada imprópria. É que o desastre se deveu apenas a um lamentável acidenle e não a qualquer manifestação de maus instintos instigados por esses brinquedos.

As mais trágicas consequências das brincadeiras com objectos de inspiração militar, essas só são susceptíveis de se revelarem no futuro, quando, já não for possível, ou pelo menos fácil, descobrir-lhes a origem.

Repetimos: é indispensável a promoção de uma campanha tendente a impedir que esse género de brinquedos chegue às mãos das crianças. Porque não empreendem os organismos educativos e sociais do nosso país essa meritória iniciativa?



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

Curiosidades do Jambori de Maratona

No 1.º dia do Jambori venderam-se mais de 50.000 garrafas de refrigerantes, segundo informou um jornal de Atenas.

Grupos houve onde os rapazes, em vez de usarem o azeite nos cozinhados, utilizaram-no para se untarem para se preservarem das queimaduras do sol.

Apesar de o tempo estar bastante quente e o céu se encontrar limpo de nuvens, no último sábado do Jambori choveu... durante 1 minuto!...

SIGMA 7, a cápsula do astronauta Walter Schirra, esteve em exposição no Pavilhão Nacional. Dos 12 astronautas que inicialmente estiveram recebendo treino nos Estados Unidos, onze eram ou tinham sido escoteiros.

Boa acção dos escoteiros austríacos

Em viagem para o Jambori, o contingente austriaco passou pela Jugoslávia e teve oportunidade de verificar a terrível destruição causada pelo terramoto de Skopje.

Por sua iniciativa, os Escoteiros espontâneamente fizeram ali mesmo uma colecta a favor das vítimas do desastre e o Chefe do Contingente, entregou a um representante da cidade a soma de 8 mil xelins *austríacos, ou seja o equivalente a 9 mil escudos, contribuição do bolso pessoal dos Escoteiros.*

Representação de um Grupo Extraordinário

Pela primeira vez nos 40 anos de sua história, o Grupo n.º 1 Internacional de Escoteiros esteve representado num Jambor pelo Escoteiro-Chefe Ajudante Germaine Vanderscher, tendo prestado serviço na Direcção do Jambori.

Este Grupo é único e encontra-se reconhecido pela Repartição Mundial do Escotismo desde 1925. É constituido por 40 Escoteiros de cerca de 12 nacionalidades, estudando no Colégio de S. José, em Yokohama, no Japão. A própria escola tem alunos de 30 nacionalidades, de todas as religiões, credos e raças, e uma direcção de sete nacionalidades.



Jónatas David Jesus Soares

Lamentàvelmente vitimado por uma rotura de gás enquanto tomava banho, faleceu o Caminheiro do Grupo de Escoteiros n.º 10 Jónatas David Jesus Soares, irmão das sr.as D. Maria Afra Soares, chefe da Companhia de «Guias Rainha «D. Leonor», e D. Eunice de Jesus Soares, e filho da sr.ª D. Cremilde Soares, também dirigentes da mesma Companhia.

«Sempre Pronto» *sente muito a triste ocorrência, apresentando condolências ao grupo n.º 10 e à família enlutada.*

Pequena Crónica de Lisboa

A TORRE DE BELÉM

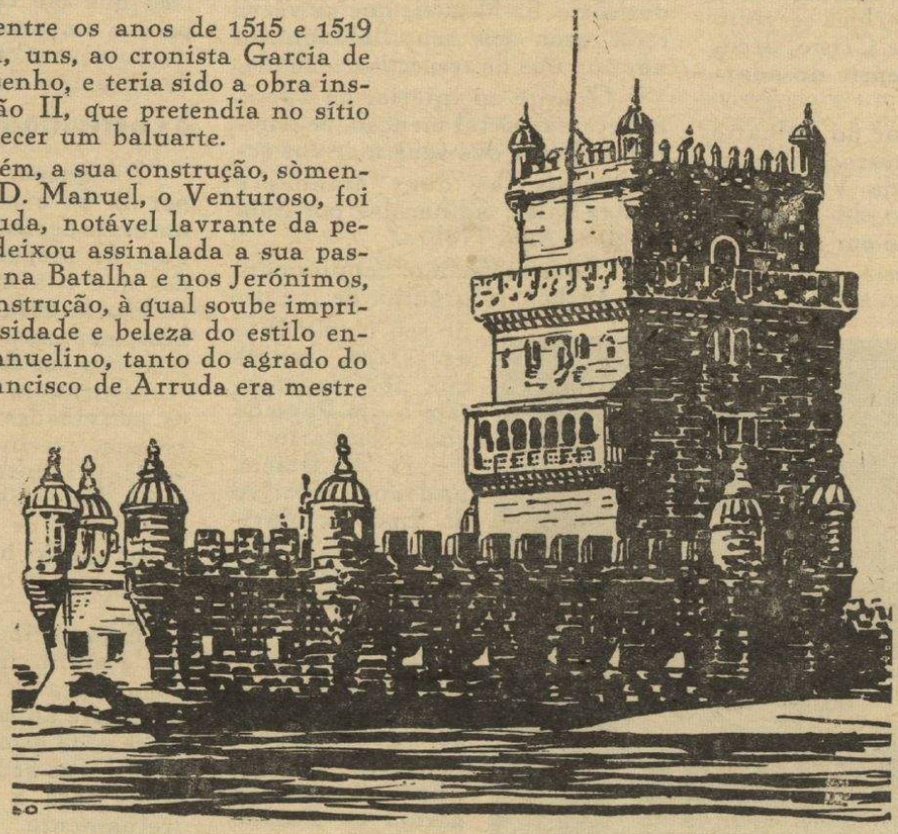
Por Luís Simões Aurélio

Se na representação pela imagem, Londres nos aparece simbolizada pelo *Big Ben* ou pela *Tower Bridge*, Paris pela Torre Eiffel ou pelo Arco do Triunfo. Sevilha pela sua esbelta *La Giralda*, a formosa Torre de Belém é, em qualquer canto do vasto mundo, o vivo cartaz representativo de Lisboa.

Jóia arquitectónica do Estilo Manuelino, que é uma nítida inspiração de Arte nacional, produto da fusão dos Estilos Gótico e Renascença aos quais os nossos artistas do cinzel acrescentaram motivos inspirados na gesta gloriosa das Descobertas, a Torre de Belém é, sem dúvida, o brasão heráldico de Lisboa.

Construída entre os anos de 1515 e 1519 ou 1521, atribuem, uns, ao cronista Garcia de Resende o seu desenho, e teria sido a obra inspirada por D. João II, que pretendia no sítio do Restelo estabelecer um baluarte.

Iniciada, porém, a sua construção, sòmente no reinado de D. Manuel, o Venturoso, foi Francisco de Arruda, notável lavrante da pedra, que também deixou assinalada a sua passagem em Tomar, na Batalha e nos Jerónimos, quem dirigiu a construção, à qual soube imprimir toda a graciosidade e beleza do estilo então em voga, o Manuelino, tanto do agrado do Rei, e no qual Francisco de Arruda era mestre incontestado.



Nas naus e caravelas das Descobertas, iam, com a tripulação, escrivães para relatarem tudo o que de novo vissem, assim como todos os acontecimentos.

Nesses tempos, em que os livros eram iluminados e a arte de iluminura era corrente, havia notáveis desenhadores, os quais não deixaram de anotar os variadíssimos aspectos da fauna e da flora das regiões que visitavam, o exótico das suas edificações e tudo quanto de maravilhoso e belo iam vendo, deslumbrados, os seus olhos. O conhecimento de tais maravilhas influenciou os artistas de então e desta influência, surgiu o Estilo Manuelino, que se caracteriza pela ornamentação inspirada em motivos náuticos, tais como bóias de pesca, cordas e calabres, a que se juntam motivos inspirados na flora e na fauna, como, por exemplo, alcachofras, girassóis, troncos de carvalho e de pinheiro, palmeiras, serpentes e, em conjunto com esses motivos, surgem as esferas armilares, escudos reais, letras coroadas, cruzes de Cristo, colunelos, tudo trabalhado em tão larga profusão e delicado lavor que tornam este estilo eminentemente português, uma ampla criação profundamente nacional e única no mundo.

São do Estilo Manuelino alguns dos mais notáveis monumentos nacionais, de entre os quais avultam o Mosteiro dos Jerónimos, o monumento português mais interessante pela sua originalidade e significado, que começou a ser construído em 1502, a Torre de Belém, objecto da nossa crónica de hoje, a fachada da Igreja da Conceição Velha, o pórtico da Igreja da Madre de Deus, e, fora de Lisboa, as Capelas Imperfeitas, na Batalha, a porta do Convento de Cristo, em Tomar, e a sua famosa janela da Casa do Capítulo, considerada por muitos artistas a peça mais completa do Estilo Manuelino, visto estarem nela representados todos os atributos deste estilo, além de um sem número de pórticos em Castelos e Igrejas por esse Portugal fora, que, no período do rei Venturoso, mereceram obras de restauro.

—★—

A Torre de de S. Vicente de Belém, como se chama este valioso monumento, foi também, durante muitos anos, designada por Baluarte do Restelo e correu grave perigo no período da dominação filipina quando, reinando Filipe II, um arquitecto napolitano ao serviço deste rei aconselhou a demolição da formosa Torre para, no mesmo local, ser costruída uma grande fortaleza.

Quis o Destino, porém e felizmente, que tal não se concretizasse. Todavia, no período das invasões francesas, sofreu a bela Torre grandes amputações, a maior das quais foi o desaparecimento dos magníficos arcos do varandim da frente sul, a frente de mais beleza de todo o conjunto arquitectónico. Só no reinado de D. Maria II, o monumento foi restituído à sua traça primitiva, devido aos tenazes esforços para isso desenvolvidos pelo imortal autor das «Viagens na Minha Terra», Almeida Garrett, coadjuvado pelo então governador da Torre, o Duque da Terceira.

Não cabe no âmbito desta pequena crónica uma descrição pormenorizada desta jóia manuelina, pelo que apontaremos apenas algumas das suas notáveis características.

É a entrada da Torre, que mede aproximadamente 37 metros de altura, servida por uma ponte levadiça que dá acesso a uma magnífica porta em Estilo Renascença, sobre a qual se destaca o Escudo Real de D. Manuel, ladeado de Esferas Armilares.

Divide-se esta notável construção em duas partes: a Torre, de forma quadrangular, e o Baluar-

Continua na pág. 6

PEQUENA CRÓNICA DE LISBOA

A TORRE DE BELÉM

Continuação da pág. 5

te, poligonal.

No Baluarte rasgam-se, como no bojo de uma nau, as frestas por onde, outrora, espreitavam os canhões. Em cada ângulo do vasto polígono situa-se uma guarita com o tecto trabalhado em gomos no Estilo Marroquino, possìvelmente trazido até nós por Francisco de Arruda, que também trabalhou nas fortalezas de Safim e Azamor.

Além destas guaritas, é ainda o vasto Baluarte decorado com ameias em cujos merlões se vêem gravadas Cruzes de Cristo, decoração esta que se repete no adarve da Torre.

A parte superior do Baluarte constitui um vasto terraço no qual avulta a imagem da Virgem do Restelo, guarnecido de bem trabalhado Baldaquino em puro Estilo Manuelino.

Observada deste terraço a fachada sul da Torre, como atrás escrevemos a da maior imponência, é de notar o admirável varandim constituído por sete arcos de volta redonda (ou perfeita), assentes sobre capitéis manuelinos e sobrepujados pelo Escudo de D. Manuel, admiràvelmente esculpido e ladeado por duas janelas formosamente trabalhadas, vendo-se nos extremos, uma de cada lado, a esfera armilar.

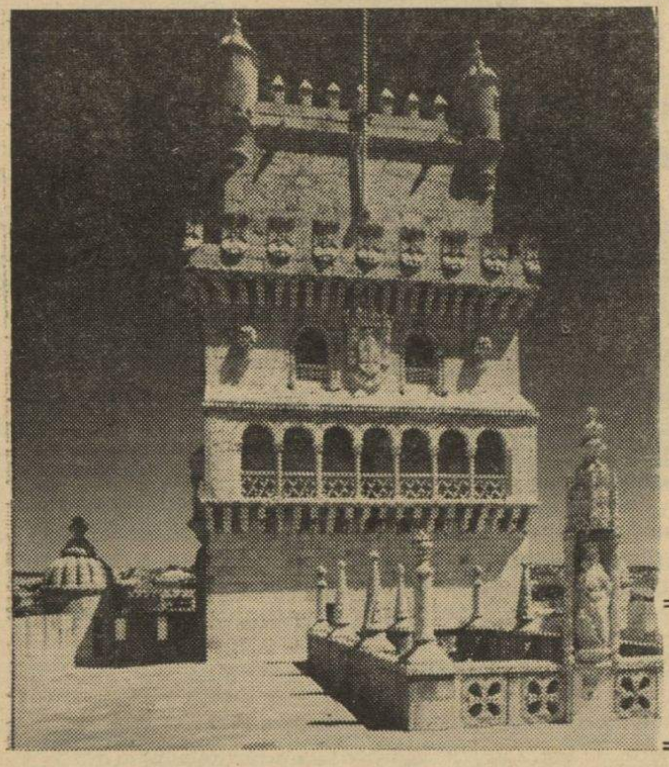
Por cima destas janelas e circundando toda a Torre, o adarve a que já fizemos referência.

Termina a Torre com um vasto terraço, do alto do qual se avista deslumbrante panorama, tendo em cada um dos cantos uma guarita no mesmo estilo das que guarnecem o Baluarte.

Para terminarmos a descrição, ainda que sumária, do aspecto exterior deste rico monumento, não deixaremos de assinalar, na fachada da norte, duas imagens, uma de S. Vicente, padroeiro da Torre de Belém e da cidade de Lisboa, e outra de S. Miguel, que se vêem cada uma em seu Baldaquino, nos ângulos da respectiva fachada.

Quanto ao interior da Torre, merecem especial menção, pelo delicado lavor dos seus motivos ornamentais, as duas grandes e vastas salas, conhecidas por Sala Régia e Sala Nobre.

Notabilíssimo monumento que Lisboa se orgulha de incluir no seu património artístico, pedras que nos transportam a um Passado quase lendário, a Torre de Belém, padrão evocativo da Epopeia Marítima dos Portugueses, é bem uma página imorredoira dos Lusíadas, escrita em pedra rendilhada pelo cinzel prodigioso dos nossos lavrantes de Quinhentos, que legaram ao País as mais formosas obras de Arte que o enobrecem.



Um pormenor da histórica Torre de Belém: a fachada sul

CALENDÁRIO DE JANEIRO

DIA 1 — 19.º aniversário da fundação do «SEMPRE PRONTO»

» 6 — Aniversário do Grupo n.º 91 de Vila Nova de Gaia

» 8 — 23.º Aniversário do falecimento de Baden-Powell

» 17 — Aniversário do Grupo n.º 6 de Olhão

Mensalmente publicaremos este Calendário com as efemérides de que tivermos conhecimento.

FUNDAMENTOS DO MÉTODO ESCOTEIRO

Continuação

Variedade

Há um outro elemento muito importante que não pode deixar de ser bem posto em evidência através da frase do próprio B. P. — «a ansiedade por novas aventuras». O rapaz tem, como todo o ser humano, uma amizade especial pelo inesperado, que é, por isso mesmo, um dos marcos fundamentais do verdadeiro Escotismo. B. P. disse: «Gosto pouco de usar o sistema das actividades rotineiras, com programas já feitos, preparados ou copiados». É por isso que ele chamava a atenção para a importância duma imaginação viva e criadora que o chefe de escoteiros deve possuir.

As actividades do Escotismo

O esquema de treino delineado por B. P. é baseado no uso das naturais aspirações do rapaz, como guia da preparação das actividades que o atrairão e o segurarão ao Movimento Escotista. Isso está bem expresso nas palavras que escreveu em Abril de 1922:

«Procurem saber deles quais as actividades que mais os interessam, ouvindo-os ou fazendo-lhes perguntas e, então, vereis quão longe isso vos conduzirá. Este modo de proceder será, além disso, muito benéfico para os rapazes se eles o fizerem com agrado».

Esta última parte da afirmação é muito importante e mostra como é grande a responsabilidade do Chefe ao seleccionar, por consulta e de acordo com os próprios rapazes, as actividades mais desejadas para o propósito do nosso treinamento. Neste particular, convém lembrar como B. P. no seu livro «Escotismo para Rapazes» aborda esta questão, pondo em evidência a necessidade de sugestões para novas actividades e como ele esperava que os chefes estivessem constantemente perscrutando as tendências dos rapazes, como ele também o fazia, de modo a ter sempre novos caminhos para atrair e manter os nossos rapazes.

Os tempos modernos oferecem-nos novas possibilidades e o Chefe deve estar alerta para aplicar os meios que o desenvolvimento actual nos proporciona, embora não desprezando os meios já usados que suscitem uma permanente atenção do rapaz.

Tradução do folheto «Fundamentals of the Scout Method» pelo Eng.º Nobre Santos

Continua



SEMELHANÇAS

Certo dia, em conversa a propósito de semelhanças físicas, o Marcos, tendo lido num jornal que um soberano de determinado país tinha um sósia para comparecer em cerimónias em que o monarca não estaria disposto a comparecer, mas em que o protocolo o obrigava a isso, o Jerónimo, velho companheiro de escola e adversário nos jogos de xadrez, caturrou:

— Não me convencem com essa! Coisas dos jornais! Se há alguém assim tão parecido... Só gémeos!

— Ora essa! Se há.

Marcos retorquiu:

— Pois vou contar-te uma história, aliás verdadeira, passada comigo, para que vejas como são, às vezes, certas semelhanças.

~

Certo dia de verão, quentíssimo, há já alguns anos, fui à esplanada de Algés tomar o fresco da tarde, quando vi passar junto de mim um indivíduo que prontamente reconheci. Chamava-se Correia, era proprietário de uma farmácia na Estrela e casado com a minha professora de instrução primária. Enfim, um daqueles bons velhotes que me conheciam de pequeno. Prontamente, o cumprimentei:

— Boa tarde, senhor Correia!

E qual não foi o meu espanto — e olhe que eu dou-lhe a minha palavra de antigo escoteiro em como isto é verdade — quando o senhor retorquiu:

— Não sou o Correia, farmacêutico da Estrela, mas sou muito parecido com ele. Chamo-me Jorge Santos e moro na rua da Graça.

Claro está, amigo Jerónimo, que fiquei surpreendido não só com a semelhança como com a resposta. O Santos riu-se e explicou, diante da minha admiração:

— O senhor deve estar admirado das minhas palavras. Vou explicar-lhe o mistério. Não se passava um dia sem que uma pessoa não me cumprimentasse: «Adeus, Correia! Bom dia, senhor Correia!» Enfim, um dia perguntei a uma dessas pessoas: «O senhor faz o favor de me explicar quem é esse senhor Correia que tanta gente confunde comigo». E o tal indivíduo respondeu-me: «É um senhor que possui uma farmácia na Estrela. E' extremamente parecido consigo. E', realmente o seu sósia.» Eu, então, como esse indivíduo me indicasse a morada da farmácia, fui procurar o tal senhor Correia. Quando cheguei ao estabelecimento, fiquei assombrado! Ao balcão, com a sua bata branca, estava o tal Correia. Parecia que me estava a ver ao espelho... Até a estatura era igual. Ele ficou também admirado ao ver-me. Eu, sorrindo, perguntei-lhe: «E' o senhor Correia?» Pois sabe o que ele me respondeu? «Sem dúvida. Calculo que estou falando com o senhor Jorge Santos, da rua da Graça.» Foi a ocasião de eu cair das nuvens: «Como advinhou?» perguntei eu ao Correia. «Porque muitas vezes me chamam Santos», respondeu o Correia. «E, um dia, farto de me chamarem Santos, perguntei a um indivíduo quem era esse Santos com quem me confundiam. Esse sujeito respondeu que era um senhor chamado Jorge Santos, com estabelecimento de livreiro na rua da Graça. E olhe que fiquei muito satisfeito de o conhecer, pessoalmente, e agradeço-lhe a iniciativa de me ter procurado». E daí para o futuro, ficámos amigos. Ele passou-me a fazer grandes descontos nos medicamentos e eu retribuía-lhe a atenção, reduzindo-lhe o preço dos meus livros. Já o senhor vê...

Dias depois deste episódio, fui ao Correia comprar um xarope. Perguntei-lhe:

— Sabe quem encontrei, muito parecido consigo?

O farmacêutico respondeu-me;

— Sei, foi o Santos, o livreiro da Rua da Graça...

E confirmou-me, em todos os pormenores, a história que o tal Santos me havia contado. Já vê o amigo Jerónimo, que há semelhanças impressionantes...

Manuel Ferreira

Saudações a "Sempre Pronto"

Por motivo da passagem de aniversário de *Sempre Pronto*, o sr. Dr. Ramiro Valadão, mui digno Director dos Serviços de Informação, teve a gentileza de nos enviar um ofício de felicitações em nome do Secretariado Nacional de Informação, o que reconhecidamente agradecemos.

O nosso dedicado Amigo sr. António Francisco Xavier de Brito, escoteiro desde a primeira hora, um dos fundadores do 2.º Grupo, teve a bondade de nos enviar uma carta de felicitações pelo 19.º aniversário de *Sempre Pronto*, carta que vem repleta de apreço e simpatia, formulando votos muito sinceros pelo progresso deste jornal.

Expressa este bom Companheiro as seguintes palavras: *«São os meus votos que continuem* sempre prontos *servindo esta causa tão nobre e escola para todos aqueles que, seguindo a sua Lei, não têm de se arrepender de ter um dia envergado o seu uniforme, mas sentem orgulho de, enquanto vivos, ser Escoteiros».*

Agradecemos as palavras de amizade, que são também de estímulo, e retribuímos os desejos e o abraço.

O nosso solícito Delegado nos Açores, que há 19 anos trabalha dedicadamente em *Sempre Pronto*, teve a amabilidade de nos enviar o seguinte telegrama:

«Completando o Sempre Pronto *mais um ano de profícua actividade em prol movimento escotista em Portugal, saúdo calorosamente quantos nele trabalham, fazendo votos continuados progressos jornal e felicidades pessoais respectivos colaboradores».*

Moniz Silva
Delegado nos Açores

Retribuímos as saudações e agradecemos as palavras do bom companheiro Jacinto dos Reis Moniz Silva.

SERVIÇOS CENTRAIS

Chefe da zona de Lisboa

Na sede central, em 13 do corrente, tomou posse do cargo de Chefe da Zona de Lisboa dos Escoteiros de Portugal, o sr. João Madeira Leitão, que em 26 de Dezembro passado fora nomeado pelo Escoteiro-Chefe-Geral, sr. Comandante Tengarrinha Pires.

Serviço de Material e Uniformes

Com data de 1 de Dezembro, foi recentemente publicada uma tabela de preços dos artigos à venda no S. M. U., que se encontra aberto todas as segundas-feiras, das 21.30 às 23.20 horas, na Rua de S. Paulo 254-1.º em Lisboa, podendo atender as encomendas que lhe forem feitas pelo correio.

Por esta tabela, foi-nos agradável verificar que o S. M. U. se encontra provido de artigos de interesse escoteiro, como uniformes, insígnias, impressos e livros, preenchendo assim uma lacuna que há muito tempo se notava.

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

N.º 225

19.º ANIVERSÁRIO

JANEIRO DE 1964

Há dezanove anos

apareceu «Sempre Pronto»

Foi em 1 de Janeiro de 1945 que saiu o primeiro número de *Sempre Pronto*. São, portanto, decorridos 19 anos e tão largo período não pode deixar de exercer profunda influência naqueles que servem esta causa, sobretudo se nos lembrarmos que muitos dos nossos colaboradores vêm dando o seu esforço desde o primeiro número.

O facto de se iniciar agora a publicação do 20.º ano reveste-se pois de muito significado para nós, constituindo um marco importante para a vida deste jornal que, embora modesto, tem marcado posição de relevo no Escotismo Nacional. Não podemos esquecer que *Sempre Pronto* surgiu num momento em que o Escotismo quase fenecia, os grupos viviam isolados em diferentes pontos do país, e foi exactamente este jornal que levou a toda a parte a palavra de ânimo, de despertamento. A própria Repartição Mundial de Escotismo teve conhecimento através dos primeiros números de *Sempre Pronto* de que o Escotismo ainda sobrevivia em Portugal. Foi o seu Director, então o Coronel J. S. Wilson, quem nos escreveu saudando o aparecimento de *Sempre Pronto* e pedindo notícias dos Serviços Centrais. O facto vem registado no primeiro número do «World Scouting», uma simples folha, publicado depois da guerra.

Graças ao apoio de muitos amigos, especialmente em virtude do patrocínio dos Antigos Escoteiros, contra todas as espectativas *Sempre Pronto* venceu estes anos de dificuldade e manteve a sua publicação sustentado apenas pela dedicação de muitos e pelas assinaturas dos seus leitores. Se nunca conseguimos situação desafogada, se não nos tem sido possível alargar o jornal, é já notável termos conseguido viver num período em que outras pequenas publicações se viram forçadas a suspender.

Mas *Sempre Pronto* surgiu como jornal de juventude. Eram novos e jovens os seus orientadores. Ao fim de 19 anos de actividade, porém, os dirigentes deste jornal só se podem afirmar jovens de espírito, situação que procuram cultivar, mas que está longe da juventude de facto, porque o tempo é inexorável. É contudo necessário que o nosso jornal continue a ser um jornal de jovens e para jovens. Para isso temos procurado ter a nosso lado coloboradores mais novos, que junto dos menos novos mantêm a característica juvenil. Mas é necessário ir mais longe nessa orientação. O 20.º ano, portanto, deve marcar essa face de rejuvenescimento de *Sempre Pronto*. Convidamos por isso todos os novos, que sintam o ideal escoteiro, a colaborar nestas colunas. Apreciamos e desejamos a colaboração mais madura, que sabemos não nos faltará, mas queremos que a mocidade também aqui esteja presente.

Será entre os novos que acorrerem à nossa chamada que esperamos encontrar os futuros orientadores de *Sempre Pronto*. Esperamos que o 20.º ano seja o ano do *render da guarda*. Não queremos desertar. Estamos prontos a servir esta Causa, mas depois de 20 anos de trabalho é justo que confiemos noutras mãos mais jovens, com mais entusiasmo, com novas ideias, com outras iniciativas, a continuação desta obra, que encontrará assim a certeza do seu prosseguimento.

Entretanto, continuaremos na mesma linha de rumo, fomentando cultura, servindo, através do Escotismo, a nossa Terra e a nossa Gente. O nosso passado responderá pelo futuro. Iremos adiante pelo caminho recto que nos tem valido a simpatia de tantos leitores e amigos dedicados, com os quais contamos para mais um ano de serviço. Onde estiver o interesse do Escotismo, estaremos sempre presentes. Na sua defesa não tergiversaremos. Poderemos silenciar quando desejaríamos denunciar o erro, mas se nos calamos é ainda para servir o Movimento. A única razão da existência de *Sempre Pronto* é a defesa do Escotismo Português. Tudo faremos para continuar fiéis a este imperativo.

DUAS PALAVRAS

Arredado destas colunas mau grado meu, pela força das circunstâncias que me impõem outros trabalhos, talvez menos gratos ao meu coração mas nem por isso menos prementes, é com alegria que regresso a estas colunas, embora por fugazes momentos.

É que eu não me sentiria bem com a minha consciência se nesta data não estivesse aqui presente, perfilado e de braço estendido, a saudar o grande Paladino da Causa Escotista que é este jornal.

Numa era em que aqueles ideais a que fomos embalados na nossa infância parecem mortos de todo e, como o famoso Sr. de Marlborough, morts et bien enterrés, *é de facto uma proeza ingente manter um jornal que, sem tratar de política, de desporto ou de simples maledicência, se dedique tão-sòmente a esta missão sem importância: educar os jovens e formar-lhes a alma, como maneira de lhes formar o carácter. Apenas isto...*

Daqui eu poderia ir muito longe, quanto mais não fosse curando de saber quais as causas porque jornais desta índole em geral naufragam. Não me sobeja o tempo. Mas sobeja-me a energia para saudar vibrantemente aqueles que, a despeito de tudo e de todos, com todo o entusiasmo da sua alma e toda a confiança no Homem, mantêm Sempre Pronto *com uma pontualidade muito pouco portuguesa e com a mesma galhardia com que há 19 anos o puseram a andar e a falar.*

Que Sempre Pronto *possa comemorar muitos mais 19 anos sobre aqueles que comemora hoje são os meus votos sinceros, para que esta Chama, que vem ardendo e aquecendo os nossos corações, possa aquecer muitos mais e conservar-se para afirmar que nem tudo na terra é mau e que ainda resta lugar para a Esperança quando ela ainda couber no coração do Homem.*

O VELHO LOBO NEGRO DO NORTE
E. C. D.

Assinantes Patrocinadores

O antigo escoteiro sr. João Patrício de Melo, um dos muitos amigos que assina «Sempre Pronto» há 19 anos e dedicadamente nos acompanha nesta obra, fez a sua inscrição como Patrocinador, pagando 30$00 pela sua assinatura anual a partir de 1962.

Aqui fica o nosso agradecimento.